

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
COMUNICAÇÃO SOCIAL -
JORNALISMO

RAÍSSA JUNQUEIRA PEREIRA DIAS FERREIRA

PERFIS DO MACHISMO

SÃO PAULO
2023

RAÍSSA JUNQUEIRA PEREIRA DIAS FERREIRA

PERFIS DO MACHISMO

Projeto desenvolvido para a disciplina Reportagens Especiais, do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, sob a orientação do Prof. Dr. Fábio Silvestre Cardoso

SÃO PAULO
2023

RESUMO

Este artigo científico tem o objetivo mostrar e explicar que a cultura do machismo vai muito além do homem hétero cis. Fazendo uma análise social da construção social desde os primórdios até atualmente. Analisando ações diárias e manifestações do machismo de várias maneiras, sejam as atitudes conscientes ou inconscientes, resultando em movimentos extremistas e misóginos, como Red Pill. Sendo reproduzidos por homens e mulheres.

Palavras-chave: machismo; atitudes; movimentos sociais; Red Pill.

ABSTRACT

This scientific article aims to show and explain that the male chauvinism culture goes far beyond the straight cis man. Making a social analysis of the social construction since the beginning until nowadays. Analyzing daily actions and manifestations of machismo in various ways, whether conscious or unconscious attitudes, resulting in extremist and misogynistic movements, such as Red Pill. Being reproduced by men and women.

Keywords: Male chauvinism, attitudes; social movements.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. 1. DE PEQUENAS ATITUDES AO MOVIMENTO EXTREMISTA.....	7
3. 1.1 O MACHISMO.....	7
4. 1.1.2 O MACHISMO REPRODUZIDO POR MULHERES.....	7
5. 1.1.3 A CLASSE SOCIAL IMPACTA NA PERPETUAÇÃO DO MACHISMO?.....	9
6. 1.1.4 EXISTE MACHISMO NO MUNDO LGBTQIAP+?.....	11
7. 1.1.5 RED PILL: A RADICALIZAÇÃO DO MACHISMO E SEU IMPACTO NOS HOMENS.....	13
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	16

INTRODUÇÃO

O movimento feminista no Brasil é dividido inicialmente em três ondas, mas a quarta já se forma, através do ativismo virtual que acontece atualmente, segundo matéria de Juliana Domingos de Lima (março/2020), para o Nexo Jornal.

A primeira onda tinha foco na igualdade da vida pública, marcada pela reivindicação do direito ao voto. A segunda teve o foco na sexualidade e autonomia feminina no contexto familiar, e a terceira, trouxe maior diversidade ao movimento, juntando raça, sexualidade e classe.

No século XX, mais precisamente em 1922, o movimento feminista veio para o Brasil e ganhou sua força. Mas foi com o surgimento do ativismo virtual que ele se fez muito mais presente na vida das mulheres brasileiras. Com pessoas influentes, movimentos nas redes sociais, manifestações, etc, o país viu que o movimento de fato existia e tinha forças para fazer a diferença em diversos espaços.

A partir disso, o “Não posso” ou “Não sou machista” surgiu, fazendo as pessoas olharem para si e suas ações e refletirem se reproduzem falas e atitudes que pudessem ser vistos como negativos pelo movimento. O ponto é que atitudes machistas não estão presas em julgar uma mulher pela roupa que veste, como ela fala, ou como age. O grande trabalho é entender que atitudes machistas, vão desde o ponto mais simples, de julgar outra mulher, até o feminicídio, pois o Brasil é o 5º país que mais mata mulheres no mundo.

A Think Olga, uma ONG que atua junto à sociedade civil para criar um impacto positivo na vida das mulheres do Brasil e do mundo, levando informações sobre a vida da mulher, como sua existência e resistências impactam no mundo, listou formas de machismo que são consideradas invisíveis aos olhos da sociedade, mas que acontecem com frequência. Como o Maninterrupting, que são os homens que interrompem as mulheres, não as deixando concluir suas falas e pensamentos, a Bropriating, que é quando um homem leva crédito pelo que foi dito por uma mulher, principalmente em ambientes de trabalho. O Gaslighting, que é a violência emocional por meio da manipulação psicológica, que leva a mulher e todos ao seu redor acharem que ela enlouqueceu ou que é incapaz, e o Mansplaining, que é a ação do homem de explicar o óbvio para a mulher e falar didaticamente sobre aquele assunto, como se ela não tivesse a capacidade e entender.

O que precisa ser entendido é que não apenas homens cis brancos reproduzem essas atitudes. Elas também são reproduzidas por homens cis pretos, homens trans, por

homens que se dizem desconstruídos, inteligentes, e até mesmo por mulheres. O machismo não tem um padrão e isso o torna cada vez mais perigoso. Prejudicando mulheres em todos os espaços ocupados por elas. Segundo a obra “Feminismo em Disputa”, (Esther Solano, Beatriz Della Costa e Camila Rocha):

“O machismo as prejudicava em seu cotidiano e desejavam ser autônomas, independente dos homens tanto material como emocionalmente, e livres para alcançar seus objetivos de vida. A grande diferença que separa as mulheres que se identificam como conservadoras das demais é a importância que as primeiras conferem ao papel desempenhado pela mulher dentro da família e à harmonia do lar;”

A partir da citação, constata-se que a construção dessa ideia, de que o papel feminino na família é de levar harmonia para o lar também é um reflexo de toda a criação machista que todas as gerações anteriores tiveram. E a ideia de precisar da autonomia é a consequência como resposta contrária a essa doutrina. Como pode ser analisado em “Segundo Sexo” (Simone de Beauvoir). A posição de subordinação é imposta às mulheres pela cultura, tradição e história e é perpetuada por meio de uma série de controles, incluindo a educação, a religião e a política.

Por isso, o objetivo do artigo é a análise sobre a falta de existência dos padrões no machismo. Analisando a explosão feminista que houve no Brasil e a obra “Segundo Sexo” (Simone de Beauvoir), nota-se que após a consolidação do movimento na década de 1980 no país e com a criação de organizações feministas, as mulheres passaram a se mobilizar em torno de assuntos que sempre tiveram importância, mas nunca um veículo para se mostrar, como a violência doméstica, direito ao aborto, etc. Seguindo em direção contrária do que sempre foi imposto e que sempre foi criticado por Simone de Beauvoir, a ideia de que a mulher deveria ser definida em termos de sua relação para com o homem - como esposa, mãe, filha, etc. Essa ideia é imposta através de gerações, passada de pessoa pra pessoa, principalmente para as mulheres, que são ensinadas a sempre manter a harmonia do lar que vivem. Ensinando que a filha mulher deve fazer tudo dentro de casa e se dar o respeito fora dela. Que o filho homem não precisa saber passar e cozinhar, pois seus pais vão ensiná-lo a garantir uma mulher no futuro que faça tudo isso para ele.

1. DE PEQUENAS ATITUDES AO MOVIMENTO EXTREMISTA

1.1 O Machismo

O machismo é uma ideologia baseada no gênero que tem sido perpetuada na sociedade há séculos. Embora muitos avanços tenham sido feitos nas últimas décadas em relação à igualdade de gênero, ainda há muito trabalho a ser feito. Autores e autoras de diversas áreas têm analisado os perfis machistas na sociedade, e suas contribuições são fundamentais para uma melhor compreensão desse fenômeno.

Segundo, Simone de Beauvoir, que foi uma escritora francesa, filósofa existencialista, memorialista e feminista, escreveu romances, ensaios e peças, nos quais transparece uma clara intenção didática, Simone contribuiu para a expansão da consciência feminina na segunda metade do século XX. Em seu livro *Segundo Sexo*, ela diz que a mulher, entre os dados biológicos, só tem importância os que assumem, na ação, um valor concreto; a consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida unicamente pela sexualidade. Ela reflete uma situação que depende da estrutura econômica da sociedade, estrutura que traduz o grau de evolução técnica a que chegou à humanidade. Viu-se que, biologicamente, os dois traços que caracterizam a mulher são os seguintes: seu domínio sobre o mundo é menos extenso que o do homem; ela é mais estreitamente submetida à espécie. Mas esses fatos assumem um valor inteiramente diferente segundo o seu contexto econômico e social. (Beauvoir, Simone. *O Segundo Sexo*, P. 80).

Analisando esse contexto, entende-se que, as mulheres nunca constituíram uma sociedade autônoma e fechada; estão integradas na coletividade governada pelos homens e na qual ocupam um lugar de subordinadas; estão unidas somente enquanto semelhantes por uma solidariedade mecânica; não há entre elas essa solidariedade orgânica em que assenta toda uma comunidade unificada (Beauvoir, Simone. *O Segundo Sexo*, P. 69).

1.1.2 O machismo reproduzido por mulheres

A fim de compreender de que modo as mulheres propagam discursos machistas, entende-se que um meio muito comum dessa propagação é através das redes sociais. Por isso,

Arclebia Rodrigues Pinto, estudante do Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades¹, resolveu analisar um caso ocorrido em 2018 com a atriz Bruna Marquezine². Ao analisar 30 comentários de uma postagem feita pela atriz usando trajes de carnaval em seu Instagram, 15 comentários foram feitos por mulheres, no qual 12 apresentaram características machistas. Alguns dos comentários eram mais camuflados, outros incisivamente ofensivos.

Quando analisamos o que é reproduzido e consumido nas redes sociais, temos acesso a muitos tipos de perfis. Podem ser esses perfis de homens brancos, pretos, mulheres cis, trans, etc. E é sempre possível encontrar comentários e citações extremamente machistas nas redes quando o assunto é uma mulher.

Quando o discurso machista é reproduzido por mulheres, ele, na maioria das vezes, é pautado em instâncias distintas: padrão de beleza, que são mulheres magras e brancas; estereótipo da mulher de direita, que deve ser uma mulher que se apresenta sempre com roupas consideradas discretas e elegantes, ou seja, que cubram seu corpo e tenham classe; e o estereótipo da mulher famosa, que deve ser sempre bela e jovem. Mas as instâncias nem sempre são cumpridas, principalmente pela mulher famosa, que por estar mais exposta, acaba recebendo mais ataques quando “quebra” algumas das regras. Gerando ódio de mulheres, contra mulheres, quebrando todos os paradigmas de que apenas homens são machistas.

“Sabemos que durante décadas a mulher foi subjugada pela sociedade, se fazendo acreditar em ideologias criadas e alimentadas pela mesma, ideologias essas onde a mulher tem um papel na sociedade, como cuidar da casa, marido e filhos, se fazendo assim submissa ao homem, isso tudo acarretou em pensamentos e discursos machistas não só por parte dos homens mas se fazendo presente em muitas mulheres, mesmo que sem perceber elas propagam o que a sociedade as incentivam e as ensinam desde muito pequenas.”

(“O discurso machista na fala de mulheres nas redes sociais”, Arclebia Rodrigues Pinho, 2018)

Por essas e outras, temos mulheres propagando discursos extremamente machistas dentro de suas casas, nas formações de família e dentro das redes sociais.

¹O Instituto de Humanidades (IH) é uma Unidade Acadêmica da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB (unilab.edu.br)

²Bruna Marquezine é uma atriz brasileira famosa ao interpretar, ainda criança, a personagem Salete na novela 'Mulheres Apaixonadas'. A atriz sofre grandes críticas na internet em relação ao seu corpo, relacionamentos passados e ataques machistas (Pure People, Biografia Bruna Marquezine, 2023)

1.1.3 A Classe Social impacta na perpetuação do machismo?

O machismo, segundo o Politize!³ é uma ideologia baseada no gênero que tem sido perpetuada na sociedade há séculos. Embora muitos avanços tenham sido feitos nas últimas décadas em relação à igualdade de gênero, ainda há muito trabalho a ser feito. Autores e autoras de diversas áreas têm analisado os perfis machistas na sociedade, e suas contribuições são fundamentais para uma melhor compreensão desse fenômeno.

Em “‘No Brasil as mulheres são machistas’: entrevista com Bernardo Ajzenberg” (Christian Grünngel, 2015), Bernardo fala sobre o que é ser homem na sociedade. Com uma visão de mundo mais estreita, mais focada e defensiva, os homens se diferenciam das mulheres na mentalidade. A mentalidade masculina é considerada mais retraída e menos expansiva, ao contrário das mulheres.

Ao ser questionado sobre a importância do machismo no Brasil, Ajzenberg diz considerá-lo predominante.

“No Brasil mesmo as mulheres são machistas, grande parte delas. Existe a ideia do domínio masculino em praticamente todos os campos. Acho que há um atraso muito grande no Brasil em relação a isso, com algumas exceções em grandes centros urbanos.”

(“No Brasil as mulheres são machistas”, Bernardo Ajzenberg, Christian Grünngel, 2015).

Quando a classe social é levada em consideração, conclui-se que o ponto não chega a ser um fator determinante para o machismo, ele está presente em todas as classes. Mas dentro de cada classe existem diferentes tipos de masculinidade.

Nas classes mais pobres a autoafirmação é muito presente, então, se sentir e fazer com que os outros vejam que o homem, mesmo que desprovido de grandes bens materiais, ainda é superior à mulher através de suas atitudes.

A afirmação fora analisada em 1998 por Pierre Bourdieu em sua obra “A Dominação Masculina”, que mostra como a sociedade patriarcal é estruturada de forma a privilegiar os homens em detrimento das mulheres. O argumento de que essa dominação masculina é perpetuada por meio de práticas sociais e culturais que reforçam os estereótipos de gênero e limitam o papel das mulheres na sociedade.

³Politize! é uma organização da sociedade civil e trabalhamos para que cada vez mais pessoas se interessem pela política, aumentando a participação cidadã nos espaços de tomada de decisão que impactam todos os brasileiros e brasileiras.

Por outro lado, quando o escritor Luiz Ruffato é questionado sobre o que é ser homem e mulher dentro da sociedade em “O Brasil é um país extremamente machista’: entrevista com Luiz Ruffato” (Christian Grünngel, 2015), Ruffato fala sobre pensar em termos abstratos. Ser homem ou mulher na sociedade depende muito sim do lugar que cada indivíduo vive. No Brasil, isso não é determinado apenas a partir da sexualidade, e sim, determina também a posição na sociedade. O Brasil é extremamente machista.

“Só para terem uma ideia de como o Brasil é um país machista: eu tenho organizado diversas antologias temáticas, por exemplo, sobre política, sobre as mulheres, sobre o racismo, sobre a questão da homossexualidade, e todas essas antologias foram adquiridas pelo governo num projeto de compras para bibliotecas públicas, exceto a que discute a questão da homossexualidade. Comprava a questão de mulheres, comprava a de política, mas a questão da homossexualidade, não.”

“O Brasil é um país extremamente machista”, Luiz Ruffato. (Christian Grünngel, 2015).

A partir disso, constata-se que, na sociedade, não há diferença de machismo nas regiões ou classes. Tendo a violência doméstica como exemplo, vemos que o ocorrido na classe média alta é tão grande quanto na classe média baixa. As chances da mulher que sofreu a violência gritar, chamar atenção, acordar as pessoas à sua volta é muito grande, ao contrário do que acontece na classe média alta. Porque quando acontece na classe social mais alta, é considerada uma vergonha pública, uma humilhação.

“Eu acho que dentro da classe média alta são muito mais hipócritas porque as mulheres são ofendidas e agredidas, mas vai muito menos às delegacias denunciar os homens, inclusive porque, muitas vezes, são casamentos que tem muito dinheiro envolvido, e, portanto, a separação envolve muito mais coisas do que entre pobres, em que a separação se dá, digamos, apenas "entre corpos". A violência doméstica na classe média alta é tão grande quanto na classe baixa.”

“O Brasil é um país extremamente machista”, Luiz Ruffato. (Christian Grünngel, 2015).

Pensando por esse lado, comprova-se a existência de diferenças nas atitudes e pessoas machistas, mesmo que sutis. Por um período de tempo pôde se pensar que o

machismo estivesse relacionado à educação, pois ao adquirir conhecimento, a percepção do “errado” e “diferente” melhora - seja entre homens ou mulheres - há mais respeito, em tentativa de compreensão do outro, porém, pelo que pode ser analisado no Brasil, isso não acontece. Mesmo que haja uma ampla educação, o machismo não muda, porque está impregnado na sociedade e cultura inteira.

Para Norman Fairclough (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 15), é através do discurso que se manifestam as formas de dominação, as operações de ideologia e as relações sociais. Não basta que se estudem apenas textos, ou só um modelo social, é necessário que se compreenda as relações discursivas sociais e ideológicas que se estruturam no texto e é por ele que se propagam e se transformam.

Portanto, analisam-se as formas como são feitas as comunicações das ideias, seja por meio de textos publicados, imagens criadas, como os memes⁴ na internet, falas reproduzidas, principalmente em canais de entretenimento, como os podcasts⁵. Muito usado como meio de comunicação, especialmente entre pessoas mais jovens.

Por isso, pensar que a educação seria uma forma de barrar essas ideias não condiz com a realidade. Quando há pesquisa, há conhecimento, mas o que é comunicado pode ser errôneo, como as ideias e falas machistas reproduzidas nas mídias.

1.1.4 Existe machismo no mundo LGBTQIAP+?

Ao pensar numa classe tão oprimida, deduz-se que não haja atitudes opressoras partindo dessas pessoas, mas ao analisar a fundo, conclui-se que, infelizmente, há sim.

O machismo é rotineiramente emitido contra a comunidade LGBTQIAP+, principalmente no Brasil, país que mais mata pessoas da comunidade no mundo. Ao menos 256 lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros foram vítimas de morte violenta em 2022. (Grupo Gay da Bahia, 2023).

Mesmo assim, quando adentramos à comunidade, homens gays cis, frequentemente tem comentários extremamente machistas e misóginos contra mulheres. Quando uma cantora famosa expõe seu corpo nas redes sociais, escrevem músicas que falem sobre sexo, relacionamento, etc, estas são exageradamente atacadas, às vezes, por seus próprios fãs.

⁴ gênero textual humorístico e/ou crítico que se concretiza e se difunde em massa por meio da internet sob estrutura semiótica e linguística híbrida e sintética. (Plano de aula: Meme: o humor crítico e multissemoses, Fernanda Lima Maia, 2018)

⁵ conteúdo em áudio que é consumido via plataformas de streaming. O podcast pode ter vários temas, modelos, durações e ainda possibilita o próprio ouvinte escolher a minutagem que quer. (O que é podcast? Saiba tudo sobre esse formato, Rafael Villas Boas, 2022)

⁶ atualmente a cantora brasileira mais poderosa e com maior notoriedade nacional e internacional. (Dicas de Mulher - Quem é Anitta: a garota do Rio que conquistou o mundo, Erika Balbino, 2022)

No dia 29/04/2023, a cantora Anitta⁶ posou com um look considerado ousado no evento da Tiffany & CO⁷ em Nova York, que causou diversos comentários vindos da comunidade LGBTQIAP+ na internet.

Comentários esses que foram rebatidos por outras pessoas de dentro e fora da comunidade discordando desses posicionamentos.

A questão é que, quando o comentário é reproduzido por uma pessoa da comunidade, essa que a cantora também faz parte, mostra o quão enraizado o machismo está em todos os âmbitos sociais. E o fato desse tipo de fala ser tão normalizado entre pessoas LGBTQIAP+, principalmente os gays cis, é o que alerta para o assunto.

“Cada dia estão normalizando mais a misoginia com a Anitta. Gay acha que tem passe livre para ser machista e misógino só porque é gay. Isso não é engraçado!”
(Patrick, estudante, 2023)

Embora a homossexualidade seja frequentemente associada à quebra das normas tradicionais de gênero, é importante reconhecer que a manifestação baseada no gênero e a opressão podem ocorrer em qualquer que seja a orientação sexual. Por isso, infelizmente, alguns gays podem sim ser machistas, perpetuando estereótipos de gênero e comportamentos prejudiciais em suas relações.

No entanto, é importante lembrar que a homossexualidade não é a causa do machismo e que a luta contra o machismo não deve ser usada como uma forma de justificar a discriminação contra a comunidade LGBTQ+. Em vez disso, o ideal é trabalhar juntos para erradicar todas as formas de opressão e construir uma sociedade mais igualitária e justa para todas as pessoas.

⁷ Tiffany & Co. é uma empresa norte-americana do ramo de comércio de jóias. (Tiffany - O mundo da Tiffany)

1.1.5 Red Pill: a radicalização do machismo, e seu impacto nos homens

Como consequência de uma sociedade tão adoentada em relação à masculinidade, movimentos e atitudes se normalizaram e criaram vertentes que aprovam e incentivam comportamentos tóxicos. O Red Pill⁸ é um desses movimentos, com tantos outros perfis quanto qualquer outro ambiente.

O movimento trata de pensamentos que colocam a mulher em uma posição inferior ao homem, categorizando-as em tipos que valem mais ou menos. A ideologia do Red Pill fundamenta que o feminino vale menos que o masculino por simplesmente existir.

“O movimento está muito forte na internet e acredito que seja um reflexo sistêmico que só acentua a guerra entre os sexos, mas que é algo inaceitável se formos tratar de um debate civilizado em pleno 2023”

(Ana Lisboa, Criadora e Palestrante do “Feminino Moderno”, 2023)

Os seguidores da ideologia a veem como filosofia de vida. Se baseando em tudo que há nele para viver em sociedade. Na prática, os adeptos tratam as mulheres as dividindo em categorias: mulheres que já tiveram muitos relacionamentos, ou mães solteiras são as que menos valem “pontos”, ou seja, não são mulheres para se envolver.

“A imagem de fraqueza do pai diante da ‘fortaleza’ da mãe, algo extremamente comum hoje em dia, cria homens sem identidade masculina que exigirão de suas companheiras o mesmo que receberam das mães. Isso também pode criar um caráter desequilibrado”, afirma. “As polaridades invertidas, na prática, estão causando um verdadeiro desastre nas relações e na saúde mental dos envolvidos e não há outra saída que não a educação para tratar esse mal.”

(Ana Lisboa, Criadora e Palestrante do “Feminino Moderno”, 2023).

Especialistas explicam a importância da desconstrução de padrões tóxicos de masculinidade. “Eles têm medo de serem confundidos com mulheres”. Foi assim que Fábio

Mariano, professor do curso de Masculinidade Contemporânea na PUC-SP, explicou como o status quo da masculinidade reflete no inconsciente das pessoas.

⁸ os "red pills" são os homens que se opõem ao "sistema que favorece as mulheres", ou seja, que alcançaram um conhecimento privilegiado e não acreditam nas relações com mulheres. (Estado de Minas, Denis Lacerda 2023)

Com a existência do machismo, o homem é visto como um ser livre para ser e fazer o que quiser. Entretanto, não há um manual de como ser um “homem de verdade”, por isso, é necessária uma visão mais crítica para enxergar as amarras que podem prendê-los diante da sociedade.

A escritora e ativista Bell Hooks fez importantes contribuições para a análise do machismo na sociedade. Em sua obra “O feminino é para todos”, os ganchos argumentam que a luta contra o machismo deve incluir tanto os homens, quanto as mulheres. Hooks enfatiza que o machismo não é um problema que afeta apenas as mulheres, mas também os homens, que são limitados pelos estereótipos de gênero impostos pela sociedade patriarcal. O que começa desde sua infância, uma fase importante para a construção do indivíduo.

“A criança nasce sem nenhum registro e aprende observando o meio em que vive. A capacidade de demonstrar sentimento, por exemplo, é uma construção social”.

(Bárbara da Cunha, Psicóloga, ‘Revista Digital ESQUINAS’, 2022)

Então, se as características não vêm de nascença, as pessoas têm personalidades formadas a partir da repetição de ações, é possível construir uma masculinidade mais saudável e menos opressora até para os homens. Desde o recorrente “homem não chora”, o machismo tenta privar meninos, que já crescem com ideias erradas de como devem ou não agir. Eles não podem ter fragilidades, porque frágil as meninas já são por natureza.

Portanto, o machismo está sempre convencendo o mundo não apenas do que as mulheres devem fazer, mas do que os homens não devem também. Não deve ganhar menos que a mulher, pois é um vexame, homens não devem abrir mão de suas carreiras para criar os filhos, pois é um incompetente profissional, não um “bom pai”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar o Movimento Red Pill e sua relação com uma sociedade machista, é importante reconhecer que qualquer análise desse tipo deve ser feita com cautela e uma compreensão abrangente do contexto social mais amplo. Embora algumas pessoas possam encontrar validade nas preocupações e experiências pessoais compartilhadas pelo movimento, é fundamental abordar a questão dentro de um quadro mais amplo de desigualdades de gênero e estruturas sociais complexas.

Depois de feita uma análise social e do movimento, fica claro que o machismo não é um problema isolado, mas sim uma teia complexa de atitudes e crenças profundas que permeiam todas as esferas da vida cotidiana. Desde as disparidades salariais, até a objetificação das mulheres na mídia. Cada forma de machismo contribui para a perpetuação de desigualdades e injustiças de gênero.

No entanto, é importante lembrar que atribuir o movimento Red Pill exclusivamente a uma sociedade machista seria uma simplificação excessiva. Mágson Alves, CEO do Nexo Norte, fala sobre como o movimento é um fenômeno mais complexo do que parece.

"O movimento Red Pill é um fenômeno complexo e multifacetado que aborda questões importantes sobre a experiência masculina na sociedade contemporânea. Enquanto alguns aspectos do movimento têm sido alvo de críticas, é essencial examinar suas ideias e objetivos com uma mente aberta e crítica, a fim de promover um debate construtivo sobre gênero, masculinidade e relacionamentos na era moderna." (ALVES, Mágson. Março, 2023)

Portanto, embora o Movimento Red Pill possa ser visto por alguns como uma consequência de uma sociedade machista, é importante olhar além disso e abordar as questões de gênero em um contexto mais amplo. É fundamental buscar uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociais e lutar por uma igualdade de gênero real, baseada no respeito mútuo, na empatia e no reconhecimento da diversidade.

REFRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRUNNAGEL, Christian. "No Brasil, mesmo as mulheres são machistas": entrevista com Bernardo Ajzenberg. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/gppSzyDXXDfWnTVTs68wz5p/?lang=pt> Publicação nesta coleção: Jan-Jun 2015

GRUNNAGEL, Christian. "O Brasil é um país extremamente machista": entrevista com Luiz Ruffato. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/dBkbHBQnY7RFxnfLHXDLPF/?lang=pt> Publicação nesta coleção: Jan-Jun 2015

DE LIMA, Juliana Domingos. "Feminismo: origens, conquistas e desafios no século 21". Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/03/07/Feminismo-origens-conquistas-e-desafios-no-s%C3%A9culo-21#:~:text=J%C3%A1%20no%20s%C3%A9culo%20%2C%20a,tamb%C3%A9m%20eram%20mulheres%20da%20elite> Atualizado: Abril, 2023

SUDRÉ, Lu e COCOLO, Ana Cristina. "Brasil é o 5º país que mais mata mulheres". Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/publicacoes/entreteses/item/2589-brasil-e-o-5-pais-que-mais-mata-mulheres>. Publicação nesta coleção: Jan-Jun 2016

SONSIN, Juliana. "O machismo na perpetuação de problemas psicológicos". Disponível em: <https://www.telavita.com.br/blog/machismo-problemas-psicologicos/>.

MOYA, Isabela. "Machismo: você entende esmo o que significa?" Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/> Publicado em: Julho, 2019

PINHO, Ariclebia Rodrigues. "Discurso machista na fala de mulheres nas redes sociais: caso Bruna Marquezine" Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1611/1/ARCLEBIA%20RODRIGUES%20PINHO%20TCC.pdf> Publicado nesta coleção: Jan-Jun, 2018

JO, militante do PSTU Joinville (SC). “OPINIÃO | Blue pill, red pill, alpha, beta: Como o capitalismo se alimenta do machismo” Disponível em: pstu.org.br/opinio-blue-pill-red-pill-alpha-beta-como-o-capitalismo-se-alimenta-do-machismo/ Publicado em: abril, 2023

MANO, Máira Kubík. “As mulheres desiludidas: de Simone de Beauvoir à “ideologia de gênero”. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/8866mXjNVjdpkPQBz3jYdVn/?lang=pt> Publicado nesta coleção em: Fevereiro, 2020

SOGAYAR, Debora, CARDOSO, Suzana Guedes. “O machismo na comunidade LGBT: Jornalismo independente a favor da diversidade sexual”. Disponível em: <https://www.sinteseeventos.com.br/site/redor/G12/GT12-10-Debora.pdf>

ALVES, Mágson. “Red Pill: Análise da Consciência Masculina”. Disponível em: <https://naxonorte.com.br/red-pill-analise-da-consciencia-masculina/> Publicado em: março, 2023

HOOKS, Bell. “O Feminismo é para Todos”

BEAUVOIR, Simone. “O Segundo Sexo”.

BAZAAR, Redação. “Red Pill: Especialista explica o que é o movimento que incentiva machismo e preocupa Sociedade”. Disponível em: <https://harpersbazaar.uol.com.br/estilo-de-vida/red-pill-especialista-explica-o-que-e-movimento-que-incentiva-machismo-e-preocupa-sociedade/> Publicado em: abril, 2023.